



IX FÓRUM BIENAL DE PESQUISA EM ARTE
+ ENCONTRO REGIONAL DA ANPAP
+ JORNADA ARTE EDUCAÇÃO DO PROF-ARTES

**BELÉM
PARÁ
AMAZÔNIA**

RECORTES DA MEMÓRIA: AS CRÔNICAS DO CORAL MATER VERBI EM PERSPECTIVA AFETIVA

Jéssica Wisniewski
PPG/ACL-UFJF

Introdução:

O Coral Mater Verbi – Meninos Cantores da Academia foi fundado em Juiz de Fora no ano de 1953 pelo Padre José Maria Wisniewski - SVD (1913-1995), sendo atualmente o segundo coral mais antigo de meninos cantores em atividade no Brasil. Em seu acervo, localizado no Núcleo Artístico do Colégio Academia de Comércio, encontra-se acondicionada uma série de livros elaborados pelo Pe. José Maria, os quais propõem recontar a trajetória do Coral, desde a sua fundação até o momento presente. A estes livros chamam-se “crônicas”.

As crônicas constituem-se de recortes em papel (jornais, programas de concerto, convites etc.), fotografias e todo tipo de memorabilia coletada a respeito do Coral Mater Verbi organizadas em volumes pelo próprio Pe. José Maria Wisniewski e, posteriormente, pelos regentes sucessores do coral contendo datas detalhadas de apresentações e ensaios, repertório executado, rotina de atividades e momentos importantes na história do grupo. O presente estudo busca reconhecer tais crônicas como uma questão afetiva inserida na memória coletiva. Isto é, evidenciar um caráter afetivo na elaboração e conteúdo das crônicas, bem como de que forma este caráter influenciou a continuidade da memória coletiva do Coral Mater Verbi.

Para tal, deve-se primeiramente explicar de forma mais intrínseca alguns conceitos da memória. A memória é uma construção social coletiva, *“trata-se de um conceito complexo, inacabado, em permanente processo de construção.”* (GONDAR, 2005, p. 7). Para Halbwachs (1950) toda memória é coletiva, pois que nenhuma lembrança pode existir apartada da sociedade. De acordo com o autor, os seres humanos trazem consigo memórias ancestrais inconscientes, sendo estas costumes de um determinado grupo social - ritos, tradições, algo que lhes foi transmitido por seus antepassados. Ou seja, os grupos sociais são responsáveis por determinar memórias, o que é válido ser lembrado e o que não é. Para que esta memória coletiva aconteça, é necessário que os indivíduos envolvidos estejam em consonância e possuam identificação com o fato que se tornará memória. Se não houver identificação, a lembrança não será



IX FÓRUM BIENAL DE PESQUISA EM ARTE
+ ENCONTRO REGIONAL DA ANPA
+ JORNADA ARTE EDUCAÇÃO DO PROF-ARTES

**BELÉM
PARÁ
AMAZÔNIA**

memorável.

Para que esta lembrança, fruto de um processo coletivo ocorra, faz-se necessária a presença de uma comunidade afetiva. Conforme explicam os autores Schmidt e Mahfoud: *“Esta comunidade afetiva é o que permite atualizar uma identificação com a mentalidade do grupo no passado e retomar o hábito e o poder de pensar e lembrar como membro do grupo.”* (SCHMIDT; MAHFOUD, 1993, on-line). Portanto, o apego afetivo está diretamente relacionado à lembrança e aos processos da rememoração¹, da mesma maneira que o desapego está para o esquecimento.

Uma outra maneira de relacionar a rememoração à afetividade, ocorre, de acordo com Kossoy, por intermédio de imagens-relicário: *“imagens que preservam cristalizadas as nossas memórias.”* (KOSSOY, 1998, p. 44). Nestas, o autor destaca a existência de um princípio afetivo:

Os homens colecionam esses inúmeros pedaços congelados do passado em forma de imagens para que possam recordar, a qualquer momento, trechos de suas trajetórias ao longo da vida. Apreciando essas imagens, “descongelam” momentaneamente seus conteúdos e contam a si mesmos e aos mais próximos suas histórias de vida. Acrescentando, omitindo ou alterando fatos e circunstâncias que advêm de cada foto, o retratado ou retratista têm sempre, na imagem única ou no conjunto das imagens colecionadas, o “start” da lembrança, da recordação. ponto de partida, enfim, da narrativa dos fatos e emoções. (KOSSOY, 1998, p. 45).

A imagem retém caráter simbólico e afetivo, quais ao serem recebidos por terceiros tornam-se também incorporados ao seu meio. Tal é o ocorrido com as crônicas do Coral Mater Verbi: Os álbuns elaborados afetivamente pelo Pe. José Maria – reconhecendo-o como portador destas imagens que compõem as crônicas e que partem de sua própria memória, são transmitidos ao Coral Mater Verbi e regentes, tornando-os assim parte da experiência afetiva da memória, mesmo que esta não tenha sido vivida pelos mesmos. Kossoy explica o fenômeno, intitulando-o de “ilusão da presença”:

Já para outros receptores a representação fotográfica pode ultrapassar ainda mais esse caráter simbólico, afetivo, que mantemos em relação a determinadas

¹ O processo de rememoração ocorre através das memórias de um grupo, sendo estas experiências relacionadas a um grupo menor de pessoas. Para Halbwachs (1950) mesmo que a lembrança se remeta a um acontecimento distante no tempo, o contato com pessoas que também viveram aquela situação permite a rememoração. Sendo por sua vez, um meio de manter a memória viva.



IX FÓRUM BIENAL DE PESQUISA EM ARTE
+ ENCONTRO REGIONAL DA ANPAP
+ JORNADA ARTE EDUCAÇÃO DO PROF-ARTES

**BELÉM
PARÁ
AMAZÔNIA**

imagens. Quero referir-me aos que sentem o assunto registrado na foto como, de súbito, incorporado à sua própria imagem. [...] Uma espécie de alucinação na qual a foto adquire vida: a representação, agora, se vê substituída pela ilusão de presença. (KOSSOY, 1998, p. 45).

Desta forma, torna-se possível notar a influência da memória coletiva afetiva presente nas crônicas do Coral Mater Verbi, reconhecendo o próprio coral e seus regentes como o grupo social envolvido e o Pe. José Maria Wisniewski como seu agente afetivo. Ambos, em conjunção, formam esta comunidade por onde é possível gerar lembrança e apego.

Levanta-se, então, a seguinte problemática: Por encontrarem-se acondicionadas em suporte tradicional, as crônicas conseqüentemente estão destinadas a eventual perecimento, causando assim a perda definitiva de seu conteúdo. Enquanto que, se transpostas em suporte digital, identifica-se um problema no que tange a questão afetiva. Pergunta-se: A preservação em suporte digital poderá ocasionar possível perda de afetividade sobre uma determinada memória, visto que este suporte passa a não ser mais físico (há de se considerar a questão do apego material à memória), além de interromper o processo da rememoração em si (ex.: a facilidade em excluir uma fotografia ou apagar um arquivo por meios eletrônicos)?

Por fim, questiona-se ainda: é possível preservar uma memória coletiva afetiva mediante os meios e suportes contemporâneos de salvaguarda? O estudo propõe como objetivo avaliar estas questões com base nas premissas e problemáticas relativas à memória coletiva já discutidas.

Metodologia

O método empregado neste estudo consiste em um levantamento de fontes a respeito da memória coletiva e seus problemas mediante bibliografia utilizada (Halbwachs, Nora, Gondar, Schmidt; Mahfoud), trazendo ainda a questão da imagem fotográfica, sendo esta muito utilizada nas crônicas, como testemunho de afetividade na memória (Kossoy). Há ainda de serem colocadas as perspectivas contemporâneas no que diz respeito à preservação da memória coletiva e como solucionar a permanência da afetividade. Para este último tópico, será abordado o conceito de cultura digital (Santana; Silveira, Martins). Propõe-se que todas as fontes utilizadas apliquem-se ao objeto de estudo afim de achar possíveis resultados para o problema levantado.

Resultados e discussão

Para discutir o questionamento elaborado neste estudo, propõe-se como possível resultado uma abordagem pautada da cultura digital, termo este qual vem sendo utilizado como recurso para a salvaguarda de acervos na última década. Devido a



IX FÓRUM BIENAL DE PESQUISA EM ARTE
+ ENCONTRO REGIONAL DA ANPAP
+ JORNADA ARTE EDUCAÇÃO DO PROF-ARTES

**BELÉM
PARÁ
AMAZÔNIA**

crescente digitalização de documentos (estes de ordem cultural, obras de arte ou acervos), a ideia da cultura digital apresenta como proposta uma rede de compartilhamento com o intuito de tornar públicos estes arquivos digitais que, por sua vez, poderão manter-se “vivos” através da prática da pesquisa – isto é, como arquivos de uso corrente. Santana e Silveira explicam o conceito:

Reunindo ciência e cultura, antes separadas pela dinâmica das sociedades industriais, centrada na digitalização crescente de toda a produção simbólica da humanidade, forjada na relação ambivalente entre o espaço e o ciberespaço, na alta velocidade das redes informacionais, no ideal de interatividade e de liberdade recombinante, nas práticas de simulação, na obra inacabada e em inteligências coletivas, a cultura digital é uma realidade de uma mudança de era. Como toda mudança, seu sentido está em disputa, sua aparência caótica não pode esconder seu sistema, mas seus processos, cada vez mais auto-organizados e emergentes, horizontais, formados como descontinuidades articuladas, podem ser assumidos pelas comunidades locais, em seu caminho de virtualização, para ampliar sua fala, seus costumes e seus interesses. A cultura digital é a cultura da contemporaneidade. (SANTANA; SILVEIRA, 2011, on-line).

Desta maneira, a cultura digital busca “estratégias de articulação de seus acervos, formas de compartilhamento, uso de vocabulário comum” (MARTINS, 2014, on-line). Ou seja, deve haver como em toda rede social, uma interação que permita uma conversação a partir do conteúdo, tornando-o acessível para a grande maioria. O objetivo da cultura digital é facilitar a logística e acesso de acervos para o público, alguns websites e softwares já se desenvolvem a partir desta premissa, ainda sendo questão embrionária no Brasil. Faz-se, então, necessária a utilização de suportes eletrônicos do arquivo aliados ao ciberespaço para que este possa existir através de uma rede social de compartilhamento on-line. O maior objetivo da cultura digital é tornar o documento acessível, devolvendo sua humanidade, por assim dizer, já que neste novo suporte/plataforma o documento passa a circular novamente entre seres humanos. Quiçá, desta maneira, possa a cultura digital elaborar uma nova forma de afetividade em relação ao arquivo e, neste específico caso, nas crônicas do Coral Mater Verbi.

Conclusões

Percebe-se a perspectiva afetiva como uma ínfima partícula da memória, porém motriz para que suas engrenagens continuem a funcionar por meio da lembrança, pois sem afetividade não haveria o interesse em rememorar. Compreende-se por meio deste estudo a afetividade como um quarto elemento da memória coletiva, além daqueles já citados por Nora (1993) – simbólico, material e funcional. Conclui-se então que, a



IX FÓRUM BIENAL DE PESQUISA EM ARTE
+ ENCONTRO REGIONAL DA ANPAP
+ JORNADA ARTE EDUCAÇÃO DO PROF-ARTES

**BELÉM
PARÁ
AMAZÔNIA**

memória coletiva e seus elementos (em particular o afetivo) exercem função muito mais criativa do que de resgate de um passado, visto que a memória é, como mencionado anteriormente, uma incessante construção social que torna-se possível e transforma-se através da rememoração. Portanto, é principalmente por meio da afetividade que esta memória poderá permanecer contínua e vital, seja por intermédio dos suportes tradicionais ou eletrônicos/digitais de acondicionamento (incluindo a possibilidade da cultura digital).

Palavras-Chave: Memória Coletiva; Memória Afetiva; Grupos Sociais; Rememoração; Cultura digital.

Referências Bibliográficas

GONDAR, Jô. Cinco Preposições sobre Memória Social. In: DODEBEI, Vera; FARIAS, Francisco R. de; GONDAR, Jô (org.); **Por que Memória Social**. Rio de Janeiro, v. 9, n. 15, p. 19-40, 2016.

HALBWACHS, Maurice. **A Memória Coletiva**. 2ª Ed. Paris: Presses Universitaires de France, 1968.

KOSSOY, Boris. **Fotografia e Memória: Reconstituição por meio da fotografia**. In: SAMAIN, Etienne. O Fotográfico (org.). São Paulo: Hucitec, 1998.

MARTINS, Dalton. **Acervos digitais sob a ótica da ativação de redes sociais: articulando estratégias de apoio à digitalização da cultura**. Disponível em: <http://culturadigital.br/blog/2014/12/04/acervos-digitais-sob-a-logica-da-ativacao-de-redes-sociais-articulando-estrategias-de-apoio-a-digitalizacao-da-cultura/>. Acesso em: 28 mai. 2019.

NORA, Pierre. **Entre Memória e História: A Problemática dos Lugares**. São Paulo, v.10, fascículo desconhecido, p. 7-28, 1993.

SANTANA, Bianca; SILVEIRA, Sérgio Amadeu da. **Conceito de cultura digital**. Disponível em: <<http://culturadigital.br/conceito-de-cultura-digital/>>. Acesso em: 28 mai. 2019.

SCHMIDT, Maria Luiza Sandoval; MAHFOUD, Miguel. **Halbwachs: memória coletiva e experiência**. São Paulo, v.4, n.1-2, on-line, 1993. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1678-51771993000100013. Acesso em: 25 nov. 2019.